

Dossiê Temático: Inteligência Artificial e as Artes

A recente popularização das plataformas de inteligência artificial generativa recoloca questões e debates que acompanharam outros momentos de transformação das artes, agora com novas condições técnicas e econômicas. A mecanização da imagem, a reprodutibilidade técnica, a automação de procedimentos composicionais, a digitalização dos fluxos de trabalho e a plataformização da circulação cultural são alguns destes temas, que hoje adquirem novos contornos. Desde 2022, tecnologias como Redes Adversárias Generativas (GANs), modelos de difusão de texto-imagem e Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs), todos estes sistemas que produzem conteúdo novo a partir de aprendizado estatístico sobre grandes bases de dados, vem reconfigurando os fluxos de trabalho criativo, as possibilidades estéticas e as próprias definições de arte, artista e público.

Compreender esse fenômeno exige situá-lo em uma trajetória mais ampla de transformações técnicas e culturais, em um movimento também de recusa da narrativa de uma ruptura sem precedentes na história da criação artística. As promessas de inovação radical que acompanham cada nova tecnologia tendem a obscurecer continuidades importantes, produzindo narrativas de excepcionalismo tecnológico que dificultam a percepção das rupturas efetivas que esse fenômeno introduz. Cabe, assim, reconhecer que as atuais controvérsias acerca da automação, da autoria e da mediação técnica dialogam com debates anteriores, que atravessam diferentes momentos da história das artes.

A automação dos processos criativos, um dos elementos mais controversos do atual momento de produção artística mediada tecnologicamente não é um fato novo. Podemos, de forma arqueológica, retroceder à construção de autômatos musicais ou aos jogos combinatórios das *Komponiermaschinen* (composições feitas pelo sorteio de dados e combinação de trechos aleatórios previamente compostos), no século XVIII. Os anos 1960 e 1970 foram igualmente pródigos na proposição e adoção de procedimentos “externos” à inventividade do artista para a elaboração das obras. O uso de elementos aleatórios, por Cage e de cartões de instruções por Eno em seus processos de composição não defendem que a criação seja feita pela máquina exclusivamente, mas

também não reduzem o sistema a mera ferramenta do autor. A Teoria dos Sistemas influenciou movimentos como a *Systems Art* das décadas de 1960 e 1970. Os *Wall Drawings*, de Sol LeWitt, são baseados em instruções para serem executadas por terceiros quando a obra for exibida. Também no campo da música, o uso de computadores para gerar música ou de feedbacks eletrônicos para criação de efeitos visuais, aproveitando a popularização de diferentes equipamentos de áudio e vídeo, refletem como a cibernética passou a integrar processos de criação.

Embora a arte generativa possua esse rico precedente histórico, com pioneiros como Vera Molnár, Frieder Nake e Waldemar Cordeiro, a escala, a velocidade e a acessibilidade das ferramentas atuais apresentam um cenário inédito e complexo. Artistas visuais contemporâneos têm usado a inteligência artificial como parceira criativa para reimaginar a história e expandir a produção artística. De modo controverso, Refik Anadol, por exemplo, criou com IA a obra *Unsupervised*, que espetaculariza a tecnologia em uma reinterpretação do acervo de imagens do MoMA; enquanto artistas como Giselle Beiguelman e Mayara Ferrão utilizam a tecnologia para gerar retratos especulativos de figuras históricas apagadas ou para visualizar cenas ausentes dos registros coloniais. Este novo paradigma desloca o foco da execução técnica para a direção conceitual, a “engenharia de prompt” e a curadoria crítica, demandando novas competências e levantando questões importantes para o mundo contemporâneo.

Diante disso, a integração da IA nas artes é marcada por uma série de tensões produtivas que merecem investigação aprofundada: a dialética entre automação e amplificação da habilidade humana; o conflito entre o dumping massivo das ferramentas e a desvalorização do trabalho artístico; a reconfiguração da autoria diante da imprevisibilidade algorítmica; a adoção acrítica de modelos corporativos; a utilização não consentida de dados sensíveis; e o descompasso dos marcos legais e éticos.

Mais do que perguntar se a inteligência artificial é ou não capaz de “criar”, os textos aqui reunidos interrogam as condições técnicas, institucionais e sensíveis sob as quais a criação passa a ser redistribuída entre sujeitos humanos, bancos de dados, modelos estatísticos, plataformas corporativas, interfaces de comando e regimes automatizados de circulação. A questão estética, nesse sentido, não se separa da questão epistemológica: o que muda quando imagens, sons e narrativas deixam de ser

produzidos apenas por inscrição, captura ou montagem, ou pelas técnicas de síntese da computação gráfica tradicional, e passam a emergir de sistemas probabilísticos treinados a partir de arquivos massivos da cultura? A IA desloca a arte para um campo em que criação, extração, recombinação, simulação e curadoria tornam-se operações cada vez mais difíceis de distinguir.

Nesse contexto, a *Revista Científica/FAP* convidou pesquisadores, artistas e acadêmicos a refletirem sobre os efeitos da inteligência artificial nas práticas artísticas, nos modos de criação e nas formas de circulação e legitimação da arte. Longe de aderirem a uma perspectiva meramente celebratória ou a uma recusa tecnofóbica, os treze artigos aprovados — entre os mais de cinquenta textos recebidos — examinam essas transformações como um campo de disputas estéticas, técnicas, éticas e institucionais. Para orientar o leitor nesse percurso, as contribuições foram organizadas em quatro eixos temáticos, encerrando-se com um mapeamento do estado da arte da pesquisa na área. A estrutura do dossiê acompanha o fenômeno em diferentes camadas: da ontologia da criação à materialidade da imagem; da escuta, do gesto e do corpo às formas audiovisuais de massa; e, por fim, da análise estética à reflexão sobre a própria produção científica que busca compreender a inteligência artificial como problema artístico e cultural.

O bloco de abertura assenta as bases teóricas, filosóficas e ontológicas sobre o que significa criar na era dos algoritmos probabilísticos, deslocando o debate de oposições binárias (como "humano versus máquina") para focar nas novas dinâmicas de mediação.

Carlos Eduardo Souza Aguiar, em *"A criatividade após a inteligência artificial: da reprodutibilidade técnica à generatividade estatística"*, investiga como a obra de arte deixa de ser uma unidade singular para habitar espaços latentes de probabilidade computacional, defendendo que a resistência artística reside em habitar o incalculável e o imprevisto. Em seguida, Juliano Bentes Nascimento, com *"Arte sob Prompt: Mimesis, IA e o Problema Estético"*, resgata as matrizes platônica e aristotélica da *mimesis* para compreender a produção por comandos como uma *techné* que redistribui o trabalho e altera profundamente as estruturas de valorização e legitimação do fazer artístico. Fechando o eixo, Sérgio Rodrigo Ferreira, no artigo *"O que será do autor? pistas para*

pensar a questão da autoria na arte em tempos de inteligência artificial generativa", analisa os imperativos jurídicos e institucionais do direito autoral face à automação simbólica, demonstrando que a agência humana é reconfigurada agora como uma função de curadoria crítica, mediação e vigilância intelectual.

Já o eixo seguinte direciona o olhar para a imagem, traçando continuidades históricas e rupturas estéticas que transformam o estatuto do visual. Em *"Entre a representação e a performatividade: uma exploração da imagem técnica do Renascimento à inteligência artificial"*, Rafael Gonçalves e Maria Cortez Salviano analisam os fios que conectam o naturalismo renascentista e a fotografia clássica à imagem gerativa contemporânea, apontando caminhos alternativos que emergem quando assumimos o aspecto puramente performativo e não apenas representacional da IA. Alinhado à potência política do invisível, Rafael de Almeida, em *"Sonhar imagens que não existem: fabulação, arquivo e inteligência artificial"*, toma como objeto o filme *Emi Ofe*, de Igi Lola Ayedun, para demonstrar como a "promptografia" e a afrofabulação operam na criação de imagens artificiais que preenchem criticamente as lacunas e apagamentos do arquivo histórico colonial.

O terceiro bloco explora a dimensão acústica e sonora. Os autores desnudam a economia política por trás dos softwares de áudio e propõem o corpo, o gesto e a escuta viva como trincheiras contra a homogeneização algorítmica. Afonso Felipe Galdino Leite Romagna e José Henrique Padovani assinam *"Artistic technodiversity: a critical perspective on artificial intelligence in musical creation"*, texto que propõe um arcabouço descentralizado e pluralista para a criação sonora a partir do conceito de tecnodiversidade, amparado por quatro estudos de caso práticos que vão da instalação à improvisação guiada. O tensionamento político ganha corpo no texto de Henrique Vaz, *"Inspiração em branco : o problema da representação em IA musical entre a plataformização, o extrativismo e o trabalho fantasma"*. O autor utiliza os Estudos Críticos do Código para revelar o lado invisível da indústria: o tratamento da experiência humana como matéria-prima gratuita e a precarização do "trabalho fantasma" que sustenta a ilusão da automação musical. Concluindo o bloco sonoro, Jovani Dala Bernardina e Natacha de Souza, em *"Entre o gesto e o prompt: escuta, paisagem sonora e inteligência artificial"*, contrapõem o comando abstrato do código à prática situada da

escuta sensível. Analisando obras de Rick Rodrigues, Stelarc e Jana Winderen, os autores defendem a ecologia acústica como um campo de resistência corpórea irreduzível ao processamento de dados.

O quarto eixo congrega os estudos de caso dedicados às narrativas audiovisuais e à cultura de massa, mapeando os choques entre o deslumbramento tecnológico da indústria, o pacto ficcional com o espectador e as mutações do "pós-cinema". Carolina Dantas de Figueiredo, em *"Quando o algoritmo aprende a contar histórias: um estudo comparativo de roteiros de telenovela gerados por inteligência artificial"*, conduz um experimento qualitativo ao aplicar o mesmo prompt nas plataformas ChatGPT, Gemini e DeepSeek. Os resultados evidenciam os limites da IA na construção de afetos complexos e sua tendência intrínseca à padronização e ao clichê. Já o impacto da imagem sintética no imaginário popular é o cerne de *"Novas estéticas da teledramaturgia na era da inteligência artificial: a memória afetiva e a simulação algorítmica em cenas de Êta Mundo Melhor! e Três Graças"*, de João Paulo Hergesel e Ana Catarine Mendes da Silva. A pesquisa mapeia a recepção do público no ambiente digital, revelando o conflito entre o humor aceito da animação e a rejeição à "máscara digital" do rejuvenescimento facial de atores (*de-aging*).

Aprofundando a crise de percepção contemporânea, Julio Bezerra, no artigo *"'A realidade é a realidade' ou o caminho do meio: a tarefa reflexiva, mediação, pós-cinema e um de filme de Quentin Dupieux"*, utiliza o longa *O segundo ato* (2024) para discutir um estado de "descorrelação" em que as fronteiras entre ator, personagem e máquina colapsam diante de uma realidade hipermediada.

Fechando o bloco audiovisual, Rodrigo Carreiro e Débora Opolski, em *"O espectador como co-mixador: inteligência artificial, inteligibilidade e a customização da escuta cinematográfica"*, jogam luz sobre a recepção e o som no streaming. Ao analisarem espectrograficamente ferramentas como o *Dialogue Boost* da Amazon Prime Video, os autores discutem como a busca algorítmica por clareza vocal transfere o controle da mixagem ao espectador, sacrificando a fidelidade acústica e a integridade ética original da obra.

Por fim, o dossiê se encerra com uma mirada voltada para a própria dinâmica da produção do conhecimento. Em *"Produção científica em artes, inteligência artificial*

e comunicação: contexto e perspectivas”, Diogo Rógora Kawano realiza um levantamento bibliométrico na base de dados Scopus. Seu diagnóstico revela que, embora existam fraturas críticas e reflexões éticas espalhadas pelo campo — muitas delas ilustradas pelos artigos que compõem este volume —, a tendência global da literatura científica ainda se inclina fortemente em direção a soluções gerenciais, pragmáticas e comerciais.

Desejamos a todas e todos uma excelente e inspiradora leitura.

André Mintz
José Cláudio Castanheira
Luiza Carolina dos Santos
Marcio Telles
(Organizadores)

André Mintz

Professor, artista e pesquisador nas áreas de comunicação e artes. Doutor em Comunicação Social pela UFMG e mestre em Artes pela Universidade de Aalborg (Dinamarca). Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, atuando nas áreas de processos de criação e estudos críticos em mídias digitais.

José Cláudio Castanheira

Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Professor visitante na Faculdade de Informação da Universidade de Toronto. Líder do grupo de pesquisa GEIST (Grupo de Estudos de Imagens, Sonoridades e Tecnologias). Membro da coordenação e organização da Conferência Internacional de Pesquisa em Sonoridades (CIPS). Membro do Conselho Internacional e Embaixador para o Brasil da International Association for Media and Communication Research (IAMCR). Participante do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI). Pesquisador nas áreas de cultura digital, música, estudos do som e estudos fílmicos. Pesquisador com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processo número: 201477/2024-6.

Luiza Carolina dos Santos

Professora Adjunta no curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). Pós-doutoranda no PPGCOM da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS (2020), com Doutorado Sanduíche na Goethe Universität (bolsa CAPES) seguido de período como pesquisadora visitante no Sussex Humanities Lab, na University of Sussex (2018-2019). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Information and Media Lab (InfoMedia, UFPR) e membro do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Tecnologia, Comunicação e Sociedade (UTFPR). Pesquisa questões relacionadas às tecnologias e culturas digitais e suas intersecções com gênero, inteligência artificial e imaginários sociotécnicos, violência de gênero online e governança e moderação de conteúdo em plataformas digitais.

Marcio Telles

Professor adjunto do Bacharelado em Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e professor permanente do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV/Unespar). Doutor e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral na Winchester School of Art, Universidade de Southampton, Reino Unido (bolsista PDSE/CAPES). Pós-doutorado em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Líder do grupo de pesquisa EIKOS (PPGCINEAV/CNPq). É membro titular do Conselho da Editora da Universidade Estadual do Paraná (EDUNESPAR). Coautor de "Semiótica crítica e as materialidades da comunicação" (Ed. UFRGS, 2020) e um dos organizadores da coletânea "Audiovisualidades contemporâneas: estéticas, política, tecnologia" (EDUFES, 2023). Articulando arqueologia da mídia, teoria do cinema e filosofia da técnica, examina como dispositivos, práticas de produção e inovações tecnológicas participam da construção da imagem cinematográfica, reconfigurando o corpo, a narrativa e a experiência audiovisual.